

Pragmatismo assegurado com criação de Gabinete de Avaliação, Acompanhamento e Intervenção Preventiva:

CRI de Viseu assegura resposta a adolescentes em risco à distância de um CLICK

O CLICK é um Gabinete de Prevenção Seletiva e Indicada que funciona nas instalações da sede do Centro de Respostas Integradas de Viseu. Foi criado tendo em conta a identificação de uma lacuna na resposta a uma população com comportamentos de risco, nomeadamente o consumo de substâncias psicoativas e outros comportamentos aditivos que, apesar de não se coadunarem com um quadro de dependência, encontra-se em situação de risco e poderia transitar para um consumo/comportamento mais problemático.

Possui como objetivo geral proporcionar um espaço de avaliação, intervenção, encaminhamento e acompanhamento de crianças/jovens/adultos e seus envolventes, na área da Prevenção Seletiva e Indicada. Os objetivos específicos do Gabinete são: disponibilizar informações sobre o consumo de substâncias psicoativas, álcool e outros comportamentos de risco; prevenir a transição de um consumo experimental para o abuso; intervir junto das crianças e jovens que se encontrem em situação de risco, reforçando os fatores protetores e inibindo os fatores de risco, contribuindo assim para o seu melhor desenvolvimento; promover e desenvolver ações que facilitem a intervenção dos profissionais que trabalham com crianças e jovens em risco e seus envolventes significativos, de forma a potenciar as suas capacidades, a fim de manterem ou adquirirem estilos de vida saudáveis e desenvolver recursos na família que possibilitem um ambiente adequado que favoreça o desenvolvimento integral da criança/jovem.

Criado em novembro de 2010, este Gabinete é constituído por uma equipa técnica interdisciplinar. As intervenções realizadas são feitas individualmente com os jovens e com os acompanhantes/familiares. São dinamizados grupos, através da seleção de alguns jovens, nomeadamente para o treino mais sistematizado de competências pessoais e sociais.

Desde o início de funcionamento que se verifica uma procura crescente, através do encaminhamento por parte de CPCJ, CDT, Centro Hospitalar Tondela Viseu, DGRS, Escolas e outras entidades.

Exemplo deste tipo de articulação, a parceria celebrada pelo Gabinete Click, do CRI de Viseu, com o Serviço de Pediatria do Hospital São Teotónio, que assegura a consulta de medicina da adolescência, tem permitido uma eficaz e ágil resposta em casos sinalizados com consumos de tabaco e de substâncias psicoativas posteriormente referenciados. Assim, os adolescentes que dão entrada no serviço de urgência desta unidade hospitalar ou que ali permanecem em internamento e que evidenciam sinais de consumos ou são referenciados para a ET do CRI de Viseu ou, em quadros mais precoces mas que evidenciem algum risco, são encaminhados para o Click, sob sua concordância e da família, onde são acompanhados numa estrutura criada especificamente para o efeito.

Dependências visitou o Serviço de Pediatria do Hospital São Teotónio e entrevistou Elisabete Santos, Pediatra daquela unidade.



**ELISABETE SANTOS,
PEDIATRA**

***“Dentro da
Pediatria, temos
a consulta de
medicina do
adolescente,
contexto em
que actuamos”***

Pedindo-lhe uma perspectiva pessoal relativamente a este projecto Click, perguntava-lhe ainda em que medida poderá a Pediatria enriquecer este tipo de intervenção junto dos adolescentes com comportamentos de risco em matéria de CAD...

Elisabete Santos (ES) – Dentro da Pediatria, temos a consulta de medicina do adolescente, contexto em que actuamos. A nível hospitalar, temos por um lado jovens que já vêm referenciados à consulta pela suspeita ou já com consumos confirmados e, a partir daí, avaliamos o jovem e percebemos que tipo de orientação é necessário fazer. Muitas vezes, estamos perante consumos que foram esporádicos ou ocasionais e que não se repetiram e, nesses casos, vamos mantendo o jovem em seguimento na consulta, não chegando sequer a verificar-se a necessidade de orientação para o Click. Quando consideramos que existem consumos que têm vindo a manter-se, trabalhamos quer o adolescente, quer a família no sentido de promover a aceitação para a orientação para o Click. Essa foi uma matriz acordada desde o início entre nós: o jovem e a família têm que aceitar dirigir-se ao Click para que façamos essa orientação. Além disso, ao nível do Serviço, também preparamos os colegas para aqueles casos em que não se verifica a necessidade de os utentes virem à consulta do adolescente, no sentido de os próprios colegas do Serviço de Urgência fazerem a referência ao Click. Muitas vezes, acabamos por fazer esse auxílio, uma vez que, quando são identificados, no Serviço de Urgência, consumos que já são bastante regulares e se constata que é necessária uma orientação, a mesma é feita directamente... Ou até no internamento.

Quais são as principais problemáticas com que se deparam em termos de perfis e de substâncias de abuso?



ES – Sobretudo, consumo de tabaco, álcool e canábis... Aqui, ao nível hospitalar, são as situações que mais têm surgido. Iniciámos esta articulação em 2011, altura em que surgiram as smart shops e se verificou aquele boom de vindas ao Serviço de Urgência, solicitámos ao CRI de Viseu uma reunião no sentido de encontrarmos a melhor solução de articulação. Também nessa altura, o tabaco ainda não constituía uma indicação para referenciação, restringindo-se ao consumo de álcool, de substâncias ilícitas e as vídeo dependências. Só mais tarde, em 2015, mais uma vez quando o jovem e a família o aceitam, decidimos referenciar também situações de consumo de tabaco.

Sendo o vosso público a faixa etária compreendida até aos 18 anos, é habitual surgirem situações já patológicas, com sintomas de dependência?

ES – Não são frequentes... Embora surjam, são residuais.

Existe algum momento em que a Pediatria assuma uma função terapêutica ou caberá a mesma aos serviços especializados?

ES – Não, nunca. Nem a Pediatria nem a Pedopsiquiatria, questão que se levantou na altura, funcionam aqui como terapêutica. Há sempre a referenciação. Podemos e muitas vezes mantemos o seguimento mas há sempre a referenciação.

Quando fala em medicina da adolescência, presumo que estejamos perante um novo paradigma de intervenção, mais ainda com esta valência da sinalização e referenciação em matéria de CAD...

ES – Actualmente, a medicina do adolescente já começa a ser mais trabalhada ao nível dos serviços de Pediatria. Aqui, em Viseu, fomos pioneiros nesta área, com uma consulta que já foi aberta em 1997, tendo sido das primeiras a nível nacional. E so-

mos também dos poucos serviços de Pediatria que tem internamento da medicina do adolescente.

Os profissionais deste serviço têm beneficiado de formação em CAD?

ES – Confesso que tem sido um pouco por auto recriação... Por existirem ainda poucas unidades de adolescência no país, também não havia muitos estágios e formação estruturada. Mas temos ido à procura da oferta formativa que vai surgindo. Aqui em Viseu, após a celebração desta parceria com o CRI, usufruímos dos ensinamentos e formações que nos foram destinadas.

Em que medida constitui preocupação deste serviço fazer um follow-up dos casos referenciados para o Click e perceber se a intervenção foi eficaz?

ES – No ano passado, fizemos um apanhado dos adolescentes que tinham sido referenciados e uma avaliação desse trabalho. Também discutimos, acompanhamos e avaliamos casos e necessidades relacionadas com os mesmos.

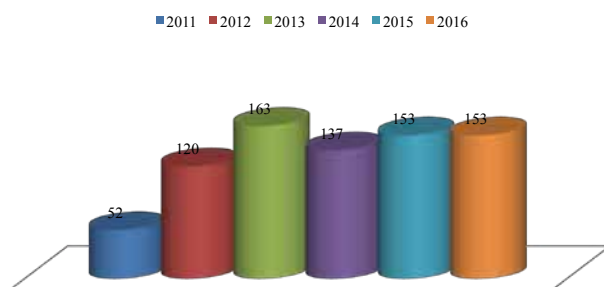
Aconselharia a replicação deste modelo noutros territórios do país?

ES – Claro que sim! Aliás, quando começámos a trabalhar em conjunto, também procurámos que, quer a Dra. Patrícia Monteiro, actual Coordenadora do CRI de Viseu, quer a anterior, a Dra. Catarina Durão, desenvolvessem acções de formação e comunicações em congressos nos serviços do restante país e constatámos que, depois desse passo inicial, têm sido chamadas mais vezes para demonstrarem o que é feito aqui. E isto tem sido replicado noutras zonas, onde existem consultas de medicina da adolescência, como a Guarda, Coimbra, Castelo Branco...

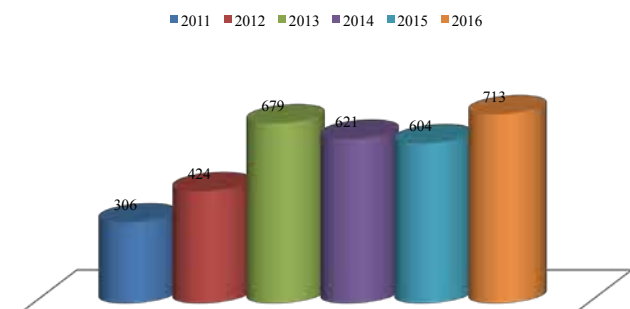
Antes da existência do Click, o que faziam às situações de CAD sinalizadas?

ES – Pois... Não fazíamos... E devo salientar uma vantagem que constato aqui em Viseu e que não sei se será possível mimetizar noutros locais, que é a agilidade e facilidade com que se procede à referenciação... Temos o contacto telefónico umas das outras, basta contactar e dizer que vou enviar uma ficha de encaminhamento com um pedido de atendimento e a marcação é feita de forma muito célebre, o que ultrapassa muitos obstáculos. E sabemos que, quando lidamos com adolescentes, a motivação é um momento que temos que aproveitar de imediato... Muitas vezes, no decurso da própria consulta, telefone para uma profissional do Click, consigo agendar o atendimento e, nesse preciso momento, já consigo informar o adolescente e os pais.

CRI Viseu - Gabinete Click - N.º Indivíduos em Acompanhamento (2011/2016)



CRI Viseu - Gabinete Click - N.º de eventos realizados (2011/2016)



O que para muitos parece uma miragem, assume em Viseu contornos artísticos:

Assim, até parece fácil reinserir...

Da prevenção para a reinserção... Dois eixos aparentemente distintos mas unidos no CRI de Viseu por um denominador comum: a diferenciação, o pragmatismo e o humanismo. Não ignorando as especificidades e barreiras de uma população habitualmente estigmatizada no que concerne à procura de emprego, a ET do CRI de Viseu recorreu, no dia 8 de Maio, a um prelector que promete revelar-se um verdadeiro case study na promoção de competências a este nível. Perante uma plateia composta por cerca de 30 utentes da ET de Viseu, Pedro Silva-Santos foi o mentor de uma dinâmica verdadeiramente interactiva e quase de cortar a respiração quando o objectivo é dotar os presentes de ferramentas de capacitação para a obtenção de sucesso nos processos de procura e selecção de emprego. Sob o mote "Como conseguir emprego em 30 dias", que dá também nome à sua obra literária, Pedro Silva-Santos teve o condão de inspirar reacções muito positivas no seu público e de fomentar um sorriso rasgado, bem revelador da esperança com que os seus destinatários saíram da acção de formação quanto a um caminho mais racional e sistematizado rumo à reinserção profissional... Mais um verdadeiro exemplo ao nível da reinserção dado pelo CRI de Viseu, que procurámos atestar em entrevista com Pedro Silva-Santos que, além de representar a empresa Noctula, se apresenta como empreendedor, consultor na área ambiental, músico e experimentalista por natureza.



PEDRO SILVA-SANTOS

"O estigma ainda é significativo"

Estaremos finalmente perante uma ferramenta passível de reduzir a taxa de desemprego no país?

Pedro Silva-Santos (PS) – Espero que sim... Este livro começou numa brincadeira; desafiam-me a dar uma aula na minha área de trabalho, a consultoria ambiental e, na altura,

disse à professora que preferia falar com os alunos e partilhar algumas dicas úteis para quando fossem para o mercado de trabalho, contexto em que seguramente necessitariam de aprender algo... Sugeriu-me que pensasse num workshop deste género e eu questionei-me por que razão toda a gente que encontra uma vaga de emprego, envia o currículo para 200 empresas e não obtém resposta. O livro mostra que não devemos encontrar uma vaga de emprego e enviar logo o currículo mas definir previamente como está a nossa presença nas redes sociais, devemos ter uma assinatura de email toda bonita, com os nossos contactos e fotografia, devemos utilizar um modelo diferente do Europass, cujas situações em que deve ser actualmente utilizado são poucas, como aqui discutii... Basicamente, é um livro que ajuda as pessoas a criarem a sua marca pessoal e a venderem-se a si próprias. Em suma, trata-se de marketing pessoal. Algo já muito banal nos EUA, por exemplo, mas em Portugal as pessoas continuam a achar que vender-se a si próprias e criarem uma marca pessoal é algo exclusivo das empresas. Na verdade, cada um de nós tem que instituir-se como uma marca. A título de exemplo, expliquei por que utilizo o nome Pedro Silva-Santos, com o tal hífen entre o nome da mãe e o do pai... Essa é a minha marca pessoal e a forma que encontrei para que, quando alguém pesquisa, no Google Pedro Silva-Santos, encontra tudo o que está associado a mim. Porque em todas as redes sociais está assim, bem como nos meus cartões, currículo e imagens que partilho. Se assumisse o nome Pedro Santos, haveria milhares...

Quer dizer que, na construção da tal marca pessoal, é tão importante o conteúdo como a forma?

PS – Sim, é e discuto isso mesmo no workshop... Algumas pessoas já me disseram que não querem estar presentes nas redes sociais e, embora respeite isso, entendo que estão a perder uma grande oportunidade porque, se forem bem utilizadas, as redes sociais podem alavancar a nossa situação profissional e ajudar-nos a divulgar-nos e a vender-nos. Basicamente, quer estejamos à procura de emprego, de projectos ou de clientes, o que temos que fazer é pormo-nos a jeito para sermos encontrados. Um amigo guitarrista dizia o seguinte: eu não estou no mercado à procura; estou no mercado para ser encontrado. Concretamente, devemos colocar-nos a jeito para sermos encontrados e não andarmos a mendigar oportunidades, o que muda desde logo a receptividade do outro lado a nosso favor. Para isso, mostrei aqui como poderão fazer uma carta de apresentação espectacular, que mostre paixão pela área de trabalho e demonstre às empresas que eu sou o candidato que vocês vão querer aí...



Hoje, tivemos aqui um público vulnerável, estigmatizado face a problemas relacionados com dependências, que é um cunho que transportam para a vida... Em que medida servem estas ferramentas qualquer público?

PS – Mas são pessoas que, como vimos aqui, têm sensibilidade para estas questões... Quando abordei as entrevistas de emprego, revelaram sensibilidade para perceberem que o entrevistador pretende conhecer o nível de pensamento do candidato... isto serve para qualquer público. Quando chamo a atenção, no Capítulo I para o que têm no facebook, alguns deles admitiram que têm coisas que os envergonham e os prejudicarão quando uma entidade que tem uma vaga de emprego aberta pesquisar os seus nomes no facebook ou no Google... Reconheço tratar-se de um público difícil mas que, se tiver alguns cuidados, pode ter sucesso na reintegração.

Em que medida poderão ou deverão utilizar como argumento o passado difícil que tiveram e conseguiram

superar, com toda a capacidade de “desenrasque” e de “inventar” dinheiro associado a um indivíduo dependente de drogas ou álcool numa entrevista de emprego?

PS – Talvez seja de esconder numa fase inicial... Há que perceber que o estigma ainda é significativo. Se estivéssemos a falar de máquinas a seleccionar, talvez estas fossem frias e pragmáticas e considerassem que a experiência da pessoa interessaria para o cargo. Mas estamos a falar de humanos e estes são cruéis. E por muito que afirmem, numa entrevista, que o passado do candidato não interessa, acabam por evidenciar o estigma na decisão final do recrutamento. Mais tarde, quando se criar alguma amizade com os colegas e o próprio patrão, todos irão perceber que existe ali um historial de dificuldades que a pessoa ultrapassou e encontrar os motivos pelos quais a mesma se esforça tanto. Em suma, a minha sugestão seria: mantenham a boa aparência e, embora não tenham que esconder se vos perguntarem, também não deverão fazer disso uma bandeira.

